

**DOS POEMAS-TAMBORES
QUE VIBRAM POR JOSÉ
CRAVEIRINHA:
O CANTO-COMBATE¹
DE PAULINA CHIZIANE E
DEUSA D'ÁFRICA**

Sávio Roberto Fonseca de Freitas²

Karingana ua Karigana!
(CRAVEIRINHA, 1982, p.13)

O vibrar dos tambores de África desperta-me para a liberdade
(CHIZIANE, 2018, p.32)

O que nos faz a desgraça.
Torna-nos perversos.
(D'ÁFRICA, 2022, p.18)

¹ A fase neo-combate da Literatura Moçambicana é um Projeto de Pesquisa que vem sendo desenvolvido desde o dia 10/06/2022 por meio de uma parceria entre os pesquisadores Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB) e Silvio Ruiz Paradiso (UFGD).

² Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFP). E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

Escrever sobre o pai dos poetas moçambicanos não é uma tarefa fácil, a poesia moçambicana ainda carece de muitos estudos para compor uma fortuna crítica relevante aos estudos africanos no Brasil. Nossa relação de afeto com Moçambique começa precisamente nos idos de março do ano de 2004, momento em que conhecemos a narrativa moçambicana de Paulina Chiziane, escritora que nos foi apresentada pela Professora Doutora Zuleide Duarte, quando do momento em que ministrava a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Ficamos fascinados em saber que nossos irmãos moçambicanos bebiam nas fontes da literatura brasileira para desenvolver o ofício da escrita literária. Lendo a primeira mulher a escrever uma narrativa longa em um país dominado pelo machismo e pelos vícios de uma invasão colonizadora portuguesa, vinha a questão sobre a fonte que a motivava a escrever.

Karingana ua Karingana
Este jeito
de contar as nossas coisas
à maneira simples das profecias
-Karingana ua Karingana!-
é que faz o poeta sentir-se
gente

E nem
de outra forma se inventa
o que é propriedade dos poetas
nem em plena vida se transforma
a visão que parece impossível
em sonho do que vai ser.

Karingana!
(CRAVEIRINHA, 1982, p.13)

Natural de Lourenço Marques, hoje a atual Maputo, José Craveirinha nasceu em 28 de maio de 1922, o que justifica a temporalidade do centenário do nascimento deste poeta, o primeiro africano e também moçambicano a receber a horaria

do Prêmio Camões, o maior galardão da língua portuguesa (JORGE, 2006, p.199). O poema acima citado compõe a coletânea de versos homônima e a segunda obra do poeta publicada em 1974 (JORGE, 2006, p.200). Nos referidos versos que ensaiam uma profecia de escrita literária, encontramos fundamentos que comprovam a continuidade de uma tradição em Moçambique: *o que é propriedade dos poetas / nem em plena vida se transforma / a visão que parece impossível / em sonho do que vai ser / Karingana!*. Trazer o ronga, língua falada pela mãe (CRAVEIRINHA, 1994, p.87) é uma forma de inscrever a moçambicanidade no poema e afirmar uma identidade linguística que foi negada por uma colonização que colocou a língua portuguesa como prioridade para a formação e para a educação. O ronga era, por esta altura, uma língua nativa proibida de ser falada em ambientes públicos, o que nos permite afirmar que inserção do *Karingana ua karingana* no *modus operandi* da escrita poética forma uma tendência de recuperar tradições ancestrais movidas pela oralidade.

A produção literária de José Craveirinha enquadra-se entre duas culturas diversas- a moçambicana e a portuguesa-fazendo integrar nesta última elementos que vem da primeira. A sua escrita em língua portuguesa é, por isso mesmo, modelada por interferências provenientes da língua ronga, e interferências também das formas e tradições que essa língua consigo veicula (LEITE, 1998, p.113).

Como nos confirma a pesquisadora Ana Mafalda Leite (1998, p.113) quando José Craveirinha traz a língua ronga para sua poesia, mostra que o poema moçambicano tem por obrigação não negar as estruturas linguísticas e culturais que o formam e, para além disso, incute outros poetas a escrever uma poesia que repita o mesmo exercício, assumindo o compromisso proposital de não negar a voz, a língua e o modo discursivo moçambicano (LEITE, 1998, p.114). A expressão ronga *Karingana ua Karingana*, além de atestar a moçambicanidade, reforça a ideia de que o poema moçambicano não é limitado aos critérios ocidentais de poesia, muito pelo contrário, traz um hibridismo estético e ideológico

da contação de estórias, as quais em alto estado poético podem muitas vezes serem confundidas com versos e/ou narrativas. O intelectual moçambicano não abre mão de “contar”, uma vez que o texto literário moçambicano, seja em qualquer forma, tem um compromisso ritualístico com a tradição ancestral de narrar (JORGE, 2006, p.203).

Quero ser tambor

Tambor está velho de gritar
ó velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos

E nem flor nascida no mato do desespero.
Nem rio correndo para o mar do desespero.
Nem zagaia temperada no lume vivo do
desespero.
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do
desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da
minha terra.
Só tambor de pele curtida ao sol da minha
terra.
Só tambor cavado nos troncos duros da minha
terra!

Eu!
Só tambor rebentando o silêncio amargo da
Mafalala.
Só tambor velho de sangrar no batuque de
meu povo.
Só tambor perdido na escuridão da noite
perdida.

Ó velho Deus dos homens
eu quero ser tambor.
E nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.

Só tambor ecoando a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia

dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!

Oh, velho Deus dos homens
Deixa-me ser tambor
só tambor!

(CRAVEIRINHA, 1982, p.123-124)

Como nos sinaliza o pesquisador Silvio Renato Jorge (2006, p.205), neste poema de José Craveirinha, o tambor é trazido como um instrumento ritualístico de invocação ancestral que demarca a territorialidade identitária do referido poeta. A voz se associa ao próprio instrumento, fazendo com o corpo poético se misture ao corpo sonoro do tambor. A voz dos ancestrais se torna presente no versos *só tambor gritando na noite quente dos trópicos*. Como em uma batida incansável pela força do ritmo, anaforicamente se repetem os versos *só tambor*, expressão que pela coliteração de “t” e “d” marcam os repiques do batuque que ecoa em todo poema. O “Deus dos homens” é invocado para mostrar uma conexão da voz poética como os dois mundos: o sagrado e o profano. O sagrado confirmado pelo tambor e pela presença de Deus; e o profano enumerado pela conjunção “nem” reforça que a voz poética não assume a forma de flor, de rio, de zagaia, de dor rubra do desespero, de nada; a voz poética só quer *ser tambor*, ou seja, um instrumento que convida para uma dança coletiva várias vozes em círculo do vai e vem tal como se retira do instrumento tambor um som invocador de uma ancestralidade integradora e consciente de uma africanidade rítmica discrepante dos versos ocidentais. O verso *Só tambor ecoando a canção da força e da vida* se lança para uma atemporalidade que nos permite notar que a voz poética de Craveirinha se incorpora nos versos dos proferidos por outras vozes moçambicanas.

Aqui escolhemos Paulina Chiziane e Deusa d’África para mostrar que o empenho de Craveirinha em ser tambor, em ser um verso ancestral, em ser uma voz que canta a força e a vida; convida as referidas escritoras a entrar no ritmo africano desta dança em que as vozes do poema se misturam com as vozes de

uma ancestralidade, cujo discurso reproduz a consumação de uma confraternização feita por meio de um batuque agregador, fraterno e humanitário.

De um primeiro eco: o poema de Paulina Chiziane

Em muito a poesia de Paulina Chiziane retoma a pauta poética de José Craveirinha. Chamada de primeira romancista por muitos que fazem a crítica literária, a escritora se afirma como “contadora de estórias”, por enfatizar que não escreve romance ocidental, ou seja, produz narrativas moçambicanas; nesse sentido, é uma mulher que respeita a tradição africana ritualística de contar fatos aquecidos pelo fogo e acalentados pelos mistérios da noite. O instante poético de Paulina Chiziane obedece ao tempo do fogo, elemento relutante em existir na combustão bélica contra o vento, assim como as estórias que lutam em permanecer para territorializar a moçambicanidade e continuar a luta pelas várias libertações.

Paulina Chiziane, assim como Craveirinha, é uma escritora amplamente conhecida e premiada; conseguiu com muita luta e renúncia o respeito de boa parte de seus pares (o que não foi nada fácil no início de sua carreira como escritora por causa do machismo ainda existente em terras moçambicanas); tem suas narrativas traduzidas para outras línguas e estudadas nos mais altos níveis das cátedras universitárias; e é considerada a mãe dos poetas contemporâneos por fazer de sua literatura um espaço para propagação da paz e da minimização de fronteiras com o mundo.

Era uma vez

Veio um estrangeiro e disse: tenho a chave do
paraíso
Sai do teu trono e senta-te na areia que te
darei
Desejoso de conhecer os mistérios do
firmamento
O rei africano deixou o trono e sentou-se na
areia

Sentado no chão, disse ao estrangeiro: dá-me
então a chave
O estrangeiro respondeu: segura-se com a mão
direita
Dá-me o teu bastão de ouro para receberes a
chave
Assim se faz a troca. O rei africano entregou
o poder
No lugar da chave, recebeu uma vassoura de
palha

Logo a seguir o rei percebeu o truque
Se o invasor conhecesse o caminho do céu não
o mostraria
O verdadeiro paraíso era a sua gente e a sua
terra
Houve disputa. O rei africano queria de volta
o que era seu
E a resposta foi a escravatura

A partir dali toda a África começou a ser
humilhada
Cavalgada!

(CHIZIANE, 2018, 137)

O poema acima da escritora Paulina Chiziane compõe a coletânea intitulada *O canto escravizados* (2018). A voz poética retoma este compromisso ancestral de narrar, mesmo que percebida a estrutura do texto organizada em versos. O eu-poético externaliza a dor da invasão e do engodo trazido pelo estrangeiro, figura que representa possivelmente o invasor português, o qual, em uma negociação golpista de valores, faz um rei entregar a sua terra a um “dono” que não a pertence.

O poema toca novamente na pauta da poesia combate, da poesia da libertação tão cantada pelo poeta José Craveirinha, o qual podemos considerar representado nestes versos híbridos de Paulina Chiziane. O poema intitulado *Era uma vez* retoma diretamente a sugestão poética de Craveirinha sobre o modo poético ronga de contar ritualisticamente um fato: um enganado por um estrangeiro entrega a sua terra. *Tenho a chave do paraíso*: estes versos mostram o estratagema do invasor e também funcionam como uma crítica ao comportamento corrupto

do invasor português, o qual pretensiosamente engana o rei fazendo-o trocar o bastão de ouro por uma vassoura de palha. O bastão de ouro representa a riqueza do continente africano e a vassoura de palavra representa a servidão a que se submeteu forçosamente o povo africano. *Houve disputa*: neste verso o eu-poético confirma que a invasão não foi pacífica. *O rei africano queria de volta o que era seu/E a resposta foi a escravatura*: o verso confirma a luta contra o colonialismo, a escravatura confirma o quão desrespeitado foi continente africano. Quando Paulina Chiziane africaniza a discussão, a voz poética coloca no plural a luta coletiva por libertação, fazendo reviver o canto poético de José Craveirinha.

Toca meu tambor de samba

Toca meu tambor de samba
E leva saudades à minha mãe África
Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra

Tiraram-me tudo, mas minha alma, não!
Toca mais alto meu tambor de samba
Preenche este vazio em que me suspendem
Embala a minha angústia e a minha saudade
Diz à minha mãe que resistirei e ao lar voltarei!

Até das tangas fui despojado às espadas
O colar de missangas foi arrancado à bruta
Diante dos navios da escravatura
Tiraram-me tudo, mas a minha alma, não!

(CHIZIANE, 2018, p.34)

O poema acima nos mostra o revérbero do canto craveirínico *Quero ser tambor* (CRAVEIRINHA, 1982, p, 123-124). Os versos de Paulina Chiziane trazem uma voz poética que canta a saudade da Mãe África, o ritmo do tambor vai levar esta saudade de um ponto a outro. O samba, ritmo brasileiro, vai territorializar a voz dos escravizados, cuja alma africana não foi tirada. O verbo tirar vem neste poema com um efeito semântico de dor, como se o corpo físico fosse arrancado da alma, a qual não se permite ser retirada de seu espaço. Para além disso, a alma representa uma ancestralidade

africana que não abre mão de sua terra, mesmo quando a voz poética afirma o contrário *Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra*. Os versos seguem o ritmo do tambor de samba, da angústia, da saudade, da resistência, do retorno. Este poema pode ser lido como uma canção de força, de combate, de vida, obedecendo assim a lição do pai dos poetas moçambicanos, no momento em que a voz poética mostra que todos os elementos arrancados pela brutalidade dos invasores, não escravizam fraternidade da alma africana.

Neste primeiro eco, invocado pela escritora Paulina Chiziane, não se pode negar a influência da paternidade poética de Craveirinha, uma vez que os versos aqui expostos funcionam como um grito de denúncia frente às várias invasões dos estrangeiros em terras africanas. A voz poética grita pelo continente africano em um declarado contrato político de maternidade, o qual também se observa na anterior escrita craveirínica (LEITE, 1998, p.115) como uma permanência do contrato identitário nacional e territorialista proposto pela fase nacional da literatura moçambicana, a qual, retomada na contemporaneidade, maximiza a necessidade de continuar a luta pela libertação das influências.

De um segundo eco: o poema de Deusa d'África

Dércia Sara Feliciano Tinguisse, conhecida na roda das escritoras moçambicanas como Deusa D'África, nasceu em Xai-Xai, província de Gaza, aos 05 de Julho de 1988. É mestre em Contabilidade e Auditoria e, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. É colunista do Jornal Correio da Palavra, da revista portuguesa InComunidade e do Jornal Literário Pirâmide. É autora das obras *A Voz das Minhas Entranhas* (poesia), editado pelo Fundac em 2014; *Equidade no Reino Celestial* (romance) e *Ao Encontro da Vida ou da Morte* (poesia), pela Editora das Letras de Angola em 2016. Recentemente, publicou o livro de poesias *Cães à estrada*

e poetas ao morgue (2022), uma coletânea que comprova o amadurecimento de um projeto estético e ideológico do feminismo afro-moçambicano na literatura.

Deusa d'África é líder do Grupo Xitende, o qual já pode ser considerado com um movimento de poesia de resistência cultural em Moçambique. Este grupo se insere como um dos maiores colaboradores para o entendimento do que é a fase neo-combate na literatura moçambicana. A poesia publicada por este grupo ainda é de difícil acesso no Brasil, o que nos chega é disponibilizado pela própria Deusa d'África, considerada pelos xitendes com a Rainha de Gaza e como madrinha dos poetas novos. Homens e mulheres que compõem este grupo realizam anualmente o Festival de Poesia de Xai-Xai, o qual reúne muitos novos escritores que ainda não possuem tanta visibilidade no país. Vale ressaltar que a atual gestão da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) não vem dando a devida importância a produção destes escritores pelo fato de não fazerem parte de um seletivo grupo que vive em Maputo. Nesse sentido, a fase neo-combate também tem como objetivo dar visibilidade aos escritores e às escritoras que são segregados e invisibilizados por questões políticas de classe e gênero.

A língua da mulher

A mulher com a língua
lambe o mundo inteiro
até que se faça humano.
A mulher lambe a noite escura
e limpa com saliva a sua fuligem
com as mãos sobre a pele da noite
esfrega o tecido epitelial até a lua se render
ao labor e brio de tamanha limpeza com
delicadeza.
A mulher lambe o bojo de todas as madrugadas
na terra
com seus estilhaços impregnados na pele
fina do dia
com saliva espumante transparece-se o rosto
da manhã.
A mulher lambe o chão do lar e esfrega com
língua de aço
o soalho da velha casa como se os insectos não

poisassem,
ela lambe a terra adentrada na casa até
dardejar
a tijoleira impecavelmente.
A mulher lambe a ferida de seus filhos até
sasar
e cura todas as dores do mundo.

(D'ÁFRICA, 2022, p.38)

O poema acima faz parte na nova coletânea de poesias intitulada *Cães a estrada e poetas ao morgue* (2022). Costumamos dizer que Deusa é a nova Lina Magaia, só que trocou o fuzil pela palavra combate; é uma das poucas mulheres que tem um livro prefaciado pela Paulina Chiziane. Podemos dizer que Deusa é neta de uma geração de poetas cuja paternidade se dá ao poeta Craveirinha. Vemos nos versos da referida escritora muito do tom erótico craveirínhico, só que com o veneno feminino da transgressão. O poeta Craveirinha já traz em sua poesia uma recorrente presença da mulher.

A figura da mulher aparece aí associada a múltiplos papéis e dimensões: mãe, esposa, criança, heroína, amante, trabalhadora e prostituta, todas elas dando forma e vida a um vigoroso caleidoscópio social e humano, fruto das experiências e da imaginação criativa e irreverente do sujeito poético (NOA, 2017, p.95).

Concordamos com o que diz o pesquisador moçambicano Francisco Noa (2017) sobre a irreverência do sujeito lírico feminino na poesia de Craveirinha, o que é basilar para se entender a voz envenenada de Deusa d'África. O título do poema acima citado já mostra toda a ousadia da poeta *A língua da mulher*, o qual pode despertar múltiplas interpretações. O verbo lambe dá uma conotação extremamente erótica ao poema, é “como se” a língua lambesse a folha em branca e as palavras tomassem forma por meio da liquidez da saliva. A boca, a voz e o corpo se misturam no poema por meio de uma performance de um beijo transgressor. *A mulher com sua língua/lambe o mundo inteiro/até que se faça o*

humano: estes versos mostram o feminismo escancarado da voz poética: a língua que lambe o mundo pode ser a própria genitália feminina que com seus lábios absorve os embriões que gestam o mundo, o humano aqui se faz pela escatologia da palavra dominada pela língua da mulher. *A mulher lambe a noite escura*: este verso sinaliza o domínio sobre os mistérios noturnos, a noite muitas vezes é o momento em que a mulher precisa estar pronta para servir, mas aqui a voz poética sugere o controle feminino sobre o desejo, tema que já se configura como um traço específico da escrita de Deusa d'África.

Um aspecto que não pode deixar de se mencionar neste poema é a repetição anafórica do verbo *lamber*, comprovando o movimento da língua no poema, deste o primeiro ao último verso: *lambe o mundo, lambe a noite, lambe o bojo das madrugadas, lambe o char do lar, lambe a terra adentrada, lambe a ferida dos filhos*. Colocar a saliva é sacralizar a voz da ancestralidade, é se fazer reconhecer pelas sinestésias., como se pode notar neste verso *com saliva espumante transparece-se o rosto do amanhã*, ou seja, a saliva é o elemento genético que neste poema pode representar a hereditariedade poética craveirínhica.

O verso *A mulher lambe a ferida de seus filhos até sarar / e cura todas as dores do mundo* traz uma conotação de cura e libertação por meio da poesia, Logo, podemos dizer que assim como Craveirinha, Deusa d'África não optou pela fuga do real em sua poesia (CHAVES, 2006, p.139), reconhecendo que a força de sua palavra poética e acolhendo os caminhos gerados pela poesia que critica o seu tempo e sua terra.

Deusa d' África é uma das vozes de mulher que mais ataca o território dos homens, mesmo quando reivindica a territorialidade africana, encontra espaço para escrever versos cortantes como a ponta de uma zagaia.

Africanidade

Monção de cânticos
celebram vida e morte
em sorrisos pendurados às estacas soçobram
ao arame que farpa a liberdade
na volúpia de ser o senhor de todos os territórios
quanta vida se baldeia em cada fruto nas

árvores
folhas foliformes
respondem à mística canção
da noite
copas gigantescas fazem de Homem num
reinado
ruminam vidas emparelhadas pela sombra ao
acaso
rostos de árvores falam de ancestralidade na
região
raízes e pólvora confundem-se na árvore que
cresce
jornais com todas as notícias do mundo tem
amnesia
o verbo na margem do rio é um crocodilo com
dentes
atraca-se ao solo embrenhado na água com
ânsia de ser
há mortes em todas as margens de terra e do
céu no rio
soberana a sintáctica da água que se alonga
em
parágrafos
e períodos num texto longo que ancora à toda
a embarcação.

(D'ÁFRICA, 2022, p.45)

O poema acima confirma o canto combate na poesia moçambicana contemporânea, a voz poética nos entrega um discurso de resistência, de militância e de empoderamento da poética africana. O ritmo do tambor craveirínhico ecoa nos versos que *celebram a vida e a morte*, com que em uma toada ancestral de vozes consagrando-se no interseco da poesia; o arama que farpa a liberdade penduram os sorrisos de esperança, de crença e fé em uma África liberta e humanitária; as árvores aparecem como rizomas da ancestralidade; o verso *raízes e pólvora confundem-se na árvore que cresce* desenham a cena escatológica e caótica em que se ergue e sobrevive a identidade africana; a associação do verbo ao crocodilo hiperbolize a resistência anfíbia de uma palavra que surge do amálgama entre a terra e a água; as mortes intensificam a necessidade desumana de sobreviver por meio da sintaxe da vida; e a embarcação poética, assim como o ritmo tambor de Craveirinha, faz a palavra poética retomar

a sua incorporação ritualística da escrita envenenada de Deusa d'África.

Neste segundo eco aqui evocado pela escritora Deusa d'África, podemos confirmar que poeta José Craveirinha jamais terá sua moçambicanidade contestada (CHAVES, 2006, 139), uma vez que podemos encontrar na poesia moçambicana contemporânea muitos dos ensinamentos deixados pelos exercícios literários que por ora aparecem ressignificados na voz de uma juventude poética com a mesma força para continuar a luta pela liberdade humanitária.

Considerações nada últimas

E então? Por que onde vibram os tambores craveirínhicos. Com certeza estão a movimentar os versos de uma literatura moçambicana contemporânea que muito promete para aguçar a curiosidade e a investigação da pesquisa acadêmica. José Craveirinha vive neste centenário, mas é imortal quando se percebe reverberado em tantos poemas que questionam a identidade, a territorialidade, a liberdade, o grito, a dor, a escravatura e tantos temas que o elegeram o pai dos poetas moçambicanos.

Esperança

No canhoeiro
um galagala hesita
a cabeça azul

Nos roxos
Sótãos de crepúsculo
a aranha vai fiando
sua capulana de teia.

E nós?
Ah, nós esperamos
na euforia das costas suadas
que o sal do vexame acumulado
deflagre.

(CRAVEIRINHA, 1982, p.31)

E assim Craveirinha permanece vivo em nós, com uma poesia que evoca a esperança de existir e de sobreviver, mesmo que em um caos instaurado pelo calor da desumanidade. O poema acima traz muita moçambicanidade: *canhoeiro, galagala, capulana*. A temperatura da poesia se dá no verso *na euforia das costas suadas*, o que confirma a emergência de registrar e imortalizar um verso que imortalize a urgência de dizer a moçambicanidade e reforçar que este projeto não pode parar.

Ver o canto de Craveirinha vivo na poesia de Paulina Chiziane e de Deusa d'África é acreditar que o poeta cumpriu sua missão com a pátria moçambicana e que muitas outras vozes vão fazer ecoar seu grito de dor, de liberdade e de humanitarismo.

Sigamos na esperança de que a fase neo-combate da literatura moçambicana consiga vencer todas as batalhas a que pretende enfrentar por meio de canto do futuro, mas se conseguirmos minimizar, por meio da palavra literária, a doentia guerra que se estabelece nas relações de raça, classe e gênero; já podemos dizer que há mudança!

A luta continua! Estamos Juntos!

Referências

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nadyala, 2018.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

CRAVEIRINHA, José. *Karingana ua Karingana*. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. “Entrevista”. In: CHABAI, Patrick. *Vozes moçambicanas: Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Veja, 1994.

D'ÁFRICA, Deusa. *Cães à estrada e poetas à morgue*. Maputo: Alcance Editores, 2022.

JORGE, Silvio Renato. “José Craveirinha e a busca da palavra moçambicana”. In: SEPULVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África e Brasil: letras em laços*. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Kapulana, 2017.